



A AFETIVIDADE E LUDICIDADE NOS ESTUDOS ÉTNICO-RACIAIS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE BEBERIBE-CE: UMA DESCONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO RACIAL

Rayssa da Silva Moura¹
Flávio Melo de Sousa²
Alexandre dos Santos Rocha³

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o preconceito étnico-racial por meio da afetividade e ludicidade no contexto educativo do teatro. Ao participarem da encenação das peças teatrais, os alunos ficam motivados a aprender, o que lhes permite construir seus próprios conhecimentos, e, ao mesmo tempo, se identificarem com a história e cultura da população negra. As escolas municipais incentivadas pelo Projeto Beberibe Multicor desenvolvem o teatro como uma ferramenta educativa, que tem contribuído com a autoafirmação das identidades dos sujeitos e melhoria da autoestima, e, por conseguinte, da aprendizagem. Acredita-se que seja possível desconstruir por meio da afetividade e ludicidade as práticas racistas e preconceituosas nas escolas. Por fim, é necessário que tomemos consciência dessa triste realidade que vivenciam ainda os negros e afro-brasileiros nessa sociedade que exclui pela diferença.

Palavras-chaves: Afetividade. Ludicidade. Escola. Aprendizagem. Identidades.

Introdução

Este artigo busca discutir as inquietações acerca de nossa leitura e vivência nos movimentos sociais, em especial no Projeto Beberibe Multicor: por uma Infância sem Racismo⁴ no ano de 2016 no município de Beberibe-CE. A partir das leituras sobre afetividade e ludicidade nas relações étnico-raciais nas escolas locais, em especial na Escola Municipal José Roldão de Oliveira de Ensino Fundamental na comunidade de Caetano em razão de sua formação étnico-cultural (COLAÇO, 2016; ROCHA, 2008).

¹Discente do Curso de Pedagogia do Instituto Educacional Cearense (IEC) e Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Auxiliar pedagógica da Creche Municipal Maria Zéa de Queiroz Ferreira. E-mail: rayssamoura2@gmail.com

²Discente dos Cursos de Pedagogia do Instituto Educacional Cearense (IEC) e Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: flaviomelo90000@gmail.com

³Historiador (UVA), Pedagogo (FAK), Cientista Humano (UNILAB), especialista em Museologia e Psicopedagogia (FVJ), mestrando em Educação e Ensino (UECE/FAFIDAM/FECLESC) e bacharelando em Antropologia (UNILAB). Docente do Instituto Educacional Cearense (IEC). E-mail: alesantos58@hotmail.com

⁴Projeto idealizado pela Prof.^a Esp. Lucelena Honorato que conta com apoio da Prefeitura Municipal de Beberibe e financiado pela Fundação Itaú. É voltado à proteção e respeito dos direitos da criança e do adolescente, incluindo assim questões como identidade e raça.

As brincadeiras de crianças são comuns durante a fase escolar, agredir verbalmente, falar mal dos colegas, colocar apelidos, principalmente ofensivos quando relaciona a cor da pele num tom de inferiorização do outro se constitui práticas corriqueiras em seus convívios. Segundo Quijano (2005, p. 02), “a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade”, e a população mundial carrega até hoje essa classificação que demarca o espaço que ocupa as raças designadas como inferiores e as raças designadas como superiores.

A escola é nessa relação contribui para o acirramento do preconceito étnico-racial, em virtude de sua omissão e perpetuação dos valores eurocêntricos que ainda servem como marca de uma aprendizagem opressora e não acolhedora, no entanto, essas atitudes que mais reforçam a discriminação e que causam repulsas aos que militam a favor da desconstrução do mito da democracia racial no Brasil é que reivindica uma educação que respeite a diversidade e que não use a diferença como critério de exclusão.

As inquietações vividas por nós durante essa pesquisa foram intensas e refletem neste sentido, a finalidade de contribuir com um estudo que tenha ao mesmo tempo as nossas impressões pessoais e profissionais nesse ambiente escolar. Apresentar as influências positivas acerca da utilização da afetividade e ludicidade usadas pelos professores em suas atividades pedagógicas a fim de educar para desconstruir o preconceito étnico-racial no espaço marcado visivelmente por práticas opressoras.

1 Escola: reflexo da ideologia opressora

A escola é uma instituição criada pela sociedade moderna burguesa que tem como fim disseminar a ideologia do grupo dominante por meio dos conhecimentos sistematizados em disciplinas, que refletem o caráter classista do ensino. Os valores, crenças e costumes que se disseminam pela educação escolar são concebidos como homogêneos como maneira de aceitação e pertença impositiva ao grupo. Segundo Munanga,

Desde a Grécia Antiga tinha-se um pensamento corrente que indicava desigualdade entre os indivíduos, ou seja, todos que não pertencessem à sua raça (natural) eram classificados como bárbaros, inferiores, portanto poderiam ser dominados e escravizados. Esta era uma justificativa para a dominação intelectual e o gozo dos privilégios (MUNANGA, 2005, p. 43).

O preconceito vem desde os tempos remotos, assim como no exposto acima. É notório que o estranho é passível de inferioridade por não pertencer ao modo de vida do outro. Esse outro é o civilizado ocidental que impõe por meio da força física e simbólica a sua dominação cultural. O estranho nessa questão é perseguido para ser desumanizado, tornando mais fácil o processo de opressão entre ambos. Condição que o subalterniza na ótica da submissão.

Por volta do século XIX, as grandes potências europeias iniciaram o processo de expansão e conquista territorial denominada pelos historiadores por neocolonialismo, fundamentada na justificativa ideológica das missões civilizadoras para a disseminação do progresso técnico-científico no mundo. Essas ações foram voltadas para a África e a Ásia. Segundo Munanga, além do discurso civilizatório expansionista encontrava-se entre linhas o discurso étnico opressor determinista que,

Uma parte dos homens nasceu forte e resistente, destinado expressamente pela natureza para o trabalho duro e forçado. A outra parte, (os senhores), nasceu fisicamente débil; contudo possuidora de dotes artísticos, capacitada, assim para fazer grandes progressos nas ciências filosóficas e outras (MUNANGA, 2005, p. 43).

O mesmo se deu nas Américas por volta do século XVI. As populações americanas foram submetidas ao processo de escravismo de início das populações chamadas de indígenas e com o tempo foi substituído pelo trabalho escravizado do africano.

Durante os séculos XIX e XX, difundiu-se no Brasil os estudos de Spencer a qual via a evolução como um princípio universal, sempre operante. Conseqüentemente o referido aplica sobre as relações humanas e o meio social, conceitos básicos da teoria Darwinista, originando o darwinismo social. Teorias como a supremacia branca e a ideologia do branqueamento deram o suporte às iniciativas de eliminação da cultura negra. Desde que Brasil é Brasil⁵, o negro sempre é posto na subalternidade, símbolo de inferioridade, elemento a ser descartado.

A sociedade brasileira se constituiu em cima de um preconceito baseado exclusivamente pela cor, aspecto que contribui no silêncio impositivo que o sistema opressor dissemina na estrutura de classes que dominam o cenário político do país. Para Cavalleiro (2003, p. 21), “o ambiente escolar é um espaço impregnado de um racismo silencioso, fundamentado na cristalização das imagens negativas, presentes no imaginário social”.

No espaço escolar o discurso racista, o preconceito e a discriminação arraigados na nossa cultura são velados. É evidente a manifestação do enraizamento de forma implícita, sendo este dificilmente apresentado de forma direta, através da rebeldia ou a defesa radical da ideia de “submissão natural dos negros”, não podemos mais nos enganar o que de fato é evidente que a nossa educação é discriminatória. Pesquisas mostraram que escolas com foco na Educação Infantil vivenciam um processo de discriminação em sua rotina cotidiana.

Para Cavalleiro,

O entendimento da problemática étnica no cotidiano da educação infantil é condição *sine qua non* para se pensar um projeto novo de educação que possibilite o desenvolvimento e a inserção social dos futuros cidadãos da nação brasileira, desenvolvendo neles um pensamento menos comprometido com a visão dicotômica de inferioridade/superioridade dos grupos étnicos. A possibilidade de as crianças receberem uma educação de fato igualitária,

⁵ O que faz o Brasil, Brasil? Roberto Damatta.

desde os primeiros anos escolares, representa um dever dos profissionais da escola, pois as crianças dessa faixa etária ainda são desprovidas de autonomia para aceitar ou negar o aprendizado proporcionado pelo professor. E tornam-se vítimas indefesas dos preconceitos e estereótipos transmitidos pelos mediadores sociais, dentre os quais o professor (1998, p. 62).

A escola deve possibilitar um ensino igualitário às crianças em razão dessas não possuírem autonomia para aceitar ou negar o aprendizado. Dessa forma, cabe ao professor não cultivar e disseminar práticas racistas na Educação Infantil. Pois os recursos que são disponíveis ao ensino como os que compõem as atividades lúdicas das crianças são da cultura eurocêntrica, maneira de afirmar o preconceito e de negar o legado afrodescendente desses sujeitos. O livro didático é um exemplo a ser citado porque ajuda a passar um conhecimento legítimo por meios de heróis, mocinhos, príncipes, princesas... Imagens brancas que ilustram e cristalizam os materiais pedagógicos do ensino (GOUVEIA, 2005).

Quando o negro aparece nos livros didáticos sua imagem é distorcida. É apresentado como velho, preguiçoso, doméstico, não criativo, não humano... Educar dessa maneira reflete negativamente no educando que acabará sedimentando as influências negativas em seu processo socializador com o meio. Isso refletirá em suas atitudes e valores que poderão ser preconceituosos na medida em que tiver sido incorporado através da linguagem verbal e não verbal. Todavia a criança negra absolverá esse discurso dominador e por não ter ainda uma compreensão do real, toma isso como uma verdade e passa a se sentir inferiorizada, desvalorizada e marginalizada (GOUVEIA, 2005).

2. Racismo e suas faces na escola

Com base no apresentado no tópico anterior escola: reflexo da ideologia opressora é notório o processo de exclusão que a população negra vivência e como é naturalizado o véu do disfarce caracterizado pelo mito da democracia racial. A supervalorização midiática da pele branca por meio das propagandas ocasiona a internalização de valores racistas que ajudam no aumento da discriminação. Desse modo, faz-se necessário conhecer os mecanismos que afirmam o racismo não só institucional.

Preconceito e discriminação racial são questões que professores e educadores vivenciam cotidianamente em suas práticas pedagógicas, quando não partem deles tais atitudes no contexto escolar. Para mudar essa realidade é necessário primeiro preparar os docentes para identificar, discutir, elaborar estratégias de enfrentamento, de combate e eliminação de todas as formas de manifestação do racismo e seus derivados dentro da escola.

Desse modo, compreende-se como racismo uma prática que viabiliza a ideia de segregação que parte de atribuições fenotípicas, características físicas que servem para afirmar o preconceito. De certo modo, o racismo apresenta a ideia preconceituosa da raça branca que influencia ideologicamente a inferiorização da raça negra.

Nessa perspectiva o racismo é um fenômeno ideológico, ele se fortifica através dos preconceitos, discriminações e estereótipos. Para Munanga (2005, p. 43), “esse fenômeno por ter sido fortemente difundido no passado, arraigado em diversas culturas e reproduzido de geração em geração, permanece povoando o imaginário popular”.

No Brasil o racismo é tratado como uma coisa “aceita” “aberta” “decidida”, no entanto é visível onde os negros estão residindo, a exemplo das favelas, das periferias, dos presídios, dos prostíbulos e nos postos de trabalhos braçais, fora das instituições, dos bancos escolares básicos e superiores. Os negros estão à margem da sociedade e são vistos como bandidos porque há uma criminalização do ser negro na cultura brasileira. Essa ideologia expressa de variadas formas, das mais sutis às mais perversas à ótica colonizadora do poder.

O preconceito pode ser definido como um conjunto de crenças e valores aprendidos, que levam um indivíduo ou grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com estes (CASHMORE, 2000). Essa definição leva também para o campo da alteridade, ou seja, como o outro se vê perante si. Pois o reflexo que temos si é dado pela diferença no outro.

O preconceito se evidencia atitudes deliberadas que desvalorizam o outro indivíduo em sua singularidade, ação que extrapola o campo do conhecimento apenas ideológico por transmitir de forma intencionada a prática humana do preconceito que primeiro se sedimenta em nós para só depois se constituir nas instituições sociais de nosso país. Para Munanga, (2005, p. 188), “afirma que o preconceito racial é a ideia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação à outra, sem razão objetiva ou efetiva, que transformada em atitudes se constitui em um grande entrave para o desenvolvimento da humanidade”.

Na sociedade brasileira o preconceito racial está consolidado na tese de que o negro é inferior na escala humana, operante em três dimensões: moral: ladrão, vilão, bandido, traficante; o intelectual: o analfabeto, o cotista, e a estética: o sujo, o cabelo ruim, borrão... “Para o mesmo, esse preconceito é reforçado através de atribuições negativas, piadas e brincadeiras [...]. Reside no âmbito da subjetividade, aprendido junto com outras pessoas, no convívio social” (CARMO, 2006, p. 01).

[...] Para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético, é identitária..., essa identidade é construída historicamente em meio a uma série de mediações que diferem de cultura para cultura. Em nossos pais, o cabelo e a cor da pele são as mais significativas. Ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade assim como as variações de negrura por meio das quais a população brasileira se auto classifica nos censos demográficos (ALMEIDA *apud* GOMES, 2002, p. 30).

Quando o legado cultural se trata do negro é rechaçado perante os grupos opositores que encabeçam bandeiras contra a produção do saber negro, levado a cabo pelas escolas

que mais impedem do que ajudam na contribuição efetiva do fim da subalternidade desses sujeitos. A escola ainda vem reproduzindo e depositando de maneira tão natural que se torna rotineiro e imperceptível o preconceito racial que é sentido tanto fisicamente quanto por meio das disciplinas ensinadas aos alunos.

3. Iniciativas afetivo-lúdicas como meio de desconstruir o preconceito racial na escola

Um negro parado é suspeito; correndo é culpado.

A situação está preta!

Preto de alma branca

Tinha que ser preto;

É negro, mas é inteligente.

É negra, mas é bonita.

Cabelo duro; cabelo ruim.

Palavras, frases, ditos populares são usados cotidianamente como meio de expressar o ponto de vista do dominante. Essas expressões marcam simbolicamente no imaginário popular os conteúdos racistas nas práticas e convivências cotidianas das relações étnico raciais. Esses conteúdos são reproduzidos e reforçados no inconsciente coletivo do país e de tanto ser reforçado se torna um elemento presente na educação, naturaliza-se a prática do racismo. Um dos meios de combate desse racismo à brasileira⁶ é por meio da afetividade e ludicidade nas atividades pedagógicas infantis que ajuda a desconstruí-lo nas escolas.

A afetividade é hoje considerada por diversos estudiosos (CÔTÉ, 2002; DIAS, 2003; ESPINOSA, 2002; MOLL, 1999), como fundamental na relação educativa por criar um clima propício à construção dos conhecimentos pelas pessoas em formação. Pois, esses sujeitos em desenvolvimento então aptos a interagirem com o meio, tornando-se cidadãos éticos que respeite as diferenças. Segundo Chagas,

Para a população negra que sofre as consequências, em especial as crianças, prejuízo no seu processo de socialização e formação da sua identidade pessoal e social é grande. O recalque produzido é profundo, levando-as a interiorizar uma imagem negativa de si e de seu grupo, passando a negar sua etnia, procurando assemelhar-se fisicamente com os de cor branca (1998, p. 19).

É evidente que na instituição escolar, por conta do estigma criado pelo racismo, a criança afrodescendente na convivência com os colegas e professores, constantemente é

⁶ Expressão usada por Henrique Cunha Júnior e Frank Ribard.

atingida por palavras, olhares, piadas e expressões que a estigmatiza, podendo a mesma perceber que aquele lugar não é para ela. É necessário desconstruir essa ideia com práticas que visem à valorização de todos os aspectos culturais dos negros na cultura brasileira.

Um exemplo disso foi visto numa vivência em sala de aula na Escola M. José Roldão de Oliveira de Ensino Fundamental na comunidade de Caetano no município de Beberibe-CE. Trecho extraído do depoimento de uma aluna: “eu sofri preconceito na escola, mas graças ao Multicor, me ajudou a superar esse preconceito que vivei. Minha mãe gosta da minha cor e do meu cabelo e sempre faz ‘pitozinho’ nele, eu sou nega com maior orgulho” (Relato da aluna, 2016).

Esse desabafo da aluna nos permite pensar que a falta de uma educação antirracista na escola é fruto ainda de uma prática que está alicerçada no pensamento colonial dominador. O silêncio dos sujeitos envolvidos nessa prática afirma o quase apagamento diante dos conflitos étnicos que esse tipo de educação eurocêntrica dissemina na formação dos sujeitos. A naturalização das práticas racistas no cotidiano afeta a autoestima dos discentes afro-brasileiros, influenciando no abandono a escola. Um meio de reverter isso é estimular a afetividade e ludicidade nas práticas pedagógicas dos professores a fim de estimular nas crianças o prazer de aprender e vivenciar o diferente sem criar um falso juízo de valor sobre o que se experimenta.

O legado negro encontra-se na linguagem, na expressão, e principalmente em suas características morfológicas, pois são as marcas da ancestralidade, o ser afrodescendente é parte de suas raízes étnico-raciais. A visão de si, e a visão do outro para si, evidencia-se com grande importância, à medida que o mesmo ainda se vê pertencente a uma cultura de padrões eurocêntricos. Conforme o local, cujo se emprega essa pedagogia da cor e do corpo, signos podem ser desconstruídos ou intensificados, modelos podem ser mantidos ou substituídos, padrões de cor impostos ou desagregados, assim como as inter-relações podem se apoiar de maneira desigual ou democrática (GOMES, 2002).

Nesse sentido, as escolas podem oferecer experiências significativas aos alunos. A escola tenta dá conta dos mais diversos campos da vida do sujeito, a exemplo do emocional, social e cognitivo. Um caminho para isso, que pode ser o de se trabalhar com os sentidos através da arte, usando a afetividade com a prática da ludicidade nas atividades que envolvam o desenvolvimento do ser humano pela interação com seus pares.

4. Arte, afetividade e ludicidade: meios de combate ao racismo

A arte é uma das ferramentas que se pode usar para despertar a ludicidade, função que se revela, então, organizadora ou sistematizadora do sentido social do indivíduo, solução e/ou vazão à tensão angustiante. “A arte, deste modo, surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência [...]” (VYGOTSKY, 2001, p. 310).

Dentre as mais variadas modalidades de arte, o teatro é particularmente mais interessante e provocador, pois possibilita uma interação entre os sujeitos, gerando internalização da cultura, uso de palavras e expressões afetivas. O movimento cênico das atividades teatrais pode ser de grande valia no desenvolvimento da criança em razão dela poder experimentar as várias personas, momentos, dramas e épocas...

Segundo Vygotsky (1932), o ator não precisa experimentar determinadas situações para poder sentir uma emoção e reproduzi-la no teatro. Pois as emoções estão sendo construídas socialmente por meio da vivência de várias personas que atuam no palco. Sendo que o indivíduo passa a compreender o significado das suas emoções e quando as sentem passa a perceber e construir seus próprios esquemas de comportamento de acordo com as situações e experiências vividas através dos personagens que representam na atuação cênica.

O teatro é uma ferramenta de combate ao preconceito e racismo de forma lúdica. Crianças e adolescentes vivenciam por meio da atuação cênica momentos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal através da linguagem teatral que permite ao sujeito uma autorreflexão em relação ao meio que vive.

Representar um personagem é também se colocar no lugar do outro, é criar possibilidades de trabalhar e compreender a diversidade, as diferenças, as semelhanças, o ser o vir a ser; é poder perceber a si e ao outro como sujeitos no mundo, como agentes de transformação da sociedade (COURTNEY, 1990).

Assim, crianças e adolescentes irão interagir e cooperar para a superação das práticas preconceituosas e racistas não só na escola, mas em toda a sociedade. Compreendendo seus próprios pensamentos e se colocando no lugar do outro, vivendo a alteridade.

Considerações finais

Como afirma Nelson Mandela, “uma pessoa não nasce com ideias racista ou sentimentos de superioridade ou inferioridade. Elas aprendem”. Neste caso a educação escolar tem um papel fundamental tanto na desconstrução quanto na afirmação racista, pois as raízes do racismo na sociedade brasileira atingiram solos profundos, enraizou-se, espalhando-se pela estrutura social por séculos, deixando uma enorme dívida social e cultural com a população negra.

Acredita-se que é possível desconstruir práticas racistas por meio da afetividade e ludicidade que o teatro possibilita por meio da vivência de vários personagens numa encenação teatral, principalmente na Educação Infantil em razão do próprio Projeto Político Pedagógico contemplar atividades desse tipo. É necessário que tomemos consciência dessa triste realidade que se encontra ainda os negros e afro-brasileiros nessa sociedade que exclui pela diferença.

Deste modo, o trabalho do professor é de inserir uma educação antirracista nas escolas, principalmente na Educação Infantil, pois é onde a criança inicia o seu processo de construção de identidade. É necessário que a mesma conheça à diversidade étnico-racial que compõe a cultura brasileira.

Assim, fazer do teatro um assunto obrigatório na disciplina de Artes na escola é uma contribuição importante no enfrentamento das práticas racistas na educação básica, pois a arte é um elemento primordial na vida dos indivíduos e por meio dela os sujeitos podem viver vários personagens e como eles se sentem perante os outros. Por fim, ajuda na construção de uma sociedade cidadã que combata o racismo e qualquer forma de discriminação velada pela diferença.

Referências

BEBERIBE, Secretaria Municipal de Educação de. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Roldão de Oliveira**. SEMEB: Beberibe, 2015.

CARMO, Josué G. B. **As dimensões do Preconceito Racial, Educação e Literatura**. Disponível em: <<http://páginas.terra.com.br/educação/josué/index%20150.htm>.> Acesso em 10 de maio de 2017.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CAVALLEIRO Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, Preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, Preconceito e discriminação na educação infantil**. 240p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.

COLAÇO, Soraia. **O currículo escolar e a implementação da lei 10.639/03 na Escola Municipal José Roldão de Oliveira na comunidade de Caetano/Beberibe: impactos nas relações étnico-raciais**. 180p. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino), Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Universidade Estadual do Ceará. Limoeiro do Norte, 2016.

CÔTÉ, R. L. (2002). Faire des émotions et de l'affectivité des alliés dans le processus d'enseignement-apprentissage. *In*: L. Lafortune & P. Mongeau (Dir.). **L'affectivité dans l'apprentissage**. Québec: Presses de l'Université du Québec.

COURTNEY, R. **Drama and intelligence: a cognitive theory**. Montreal. McGill-Queen's University Press, 1990.

CHAGAS, Conceição Corrêa. **Negro uma identidade em construção – dificuldades e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ESPINOSA, G. (2002). La relation maître-élève dans sa dimension affective: un pivot pour une différenciation des pratiques pédagogiques enseignantes? *In* L. Lafortune, P. Mongeau (Dir.), **L'affectivité dans l'apprentissage** (pp.159-181). Québec: Presses de l'Université du Québec.

GOUVÊA, Maria C. S. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira**: análise historiográfica (artigo científico) - Universidade Federal de Minas Gerais - Educação e Pesquisa, São Paulo, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2002.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Disponível em: www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59. Acesso em 15 de abril de 2013.

MOLL, J. Relation éducative. In J. Houssaye (Dir.), **Questions pédagogiques. Encyclopédie historique**. Paris: Hachette Éducation, 1999.

PETIT, Sandra Haydée; SILVA, Geranilde Costa e (orgs.). ALMEIDA, Maria Inez de Lima. **O baobá da Fortaleza e o Cabelo no meu corpo**: um encontro com nossas raízes ancestrais. In Memórias de Baobá. Fortaleza-Ceará: UFC, 2012.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org.). Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro de 2005. pp. 227-278.

ROCHA, Alexandre dos Santos. **Vestígios arqueológicos (século XX)**: uma historiografia sobre uma provável origem da comunidade de Caetano. 46p. Monografia (Graduação em História), Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.